

PALAVRAS-CHAVE: *Viagens de Gulliver*; tipos de discurso; ortografia; inferência.

Você vai ler o capítulo 9 de *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. No livro são narradas aventuras de um médico que visita países inimagináveis, habitados por reis gananciosos, pessoas interesseiras, fúteis e invejosas, intelectuais desligados dos problemas do povo. O primeiro lugar aonde chega é uma ilha cujos habitantes, os liliputianos, são seres pequeninos de não mais de 15 centímetros de altura. Em seguida, conhece Brobdingnag, terra habitada por gigantes, e Laputa, onde se passa o episódio a seguir. Os últimos destinos são a Terra dos Imortais e, finalmente, o país dos Houyhnhnms, onde quem governa são cavalos inteligentes, seres sinceros e sábios.

Capítulo 9 – UMA ILHA QUE VOA

(...)

Foi, então, que zarpei da Inglaterra para mais uma aventura no dia 5 de agosto de 1706.

(...)

A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata. Depois de sermos amarrados e SAQUEADOS, tivemos de esperar que os piratas decidissem que iam fazer conosco. Como eu havia discutido com o comandante deles, acabei sendo o mais castigado. Colocaram-me todo amarrado numa canoa e me deixaram no mar à deriva. Disseram que assim eu morreria lentamente.

Confesso que fiquei apavorado quando me vi sozinho no meio do mar, mas, em pouco tempo, consegui soltar as cordas em torno do corpo e descobrir um remo embaixo de uma lona jogada no fundo da canoa. Parecia um milagre que o pior castigo havia se transformado em liberdade, pois, pelo menos, eu estava longe daqueles piratas PERVERSOS.

Avistei um ARQUIPÉLAGO ao sul e remei uma hora até alcançar a primeira ilha. Lá encontrei alguns ovos de pássaro, que mataram a minha fome, e um pequeno riacho, onde bebi enormes goles de água.

Não encontrei nenhum ser humano, apenas aves, caranguejos e peixes, mas, quando visitava uma outra ilha, vi o céu escurecer de repente. Olhei para o alto e percebi que a sombra era causada por nada mais, nada menos do que uma ilha voadora PAIRANDO sobre a minha cabeça.

A ilha tinha a base lisa e brilhante por causa do reflexo da água do mar. Ela desceu quase até pousar sobre a minha ilha e assim pude ver que as pessoas caminhavam de um lado para o outro. Como não queria ficar naquele arquipélago solitário, acenei com as duas mãos, chamando os habitantes daquele lugar:

— Vocês aí têm comida? Podem me ajudar?

Como resposta, recebi uma corrente que desceu com uma pequena cadeira ACOPLADA. Subi nela e fui puxado até a tal ilha voadora. Chegando lá, percebi que as pessoas eram muito esquisitas. Algumas tinham os olhos constantemente voltados para o céu e a maioria tinha a cabeça virada para a esquerda ou para a direita. Como não consegui me comunicar com elas, resolvi segui-las. Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.

Em pouco tempo, chegamos ao palácio real. Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis. Depois de quase uma hora, terminou seus cálculos. Um empregado chacoalhou um objeto cheio de sementes perto do ouvido e da boca do soberano. Como se tivesse despertado de um TRANSE, o rei finalmente me viu.

Tentei falar com ele, mas foi impossível. O monarca parecia dormir enquanto eu fazia minhas perguntas para logo depois ser despertado pelo empregado que chacoalhava o balão perto de seu ouvido. Percebi, então, que todos os homens de olhos e cabeças viradas tinham seus empregados como despertadores.

Fui levado a uma mesa de refeição onde a comida tinha forma geométrica. Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais.

Após o almoço, fui apresentado a um professor que iria me ensinar a língua daquele lugar. Ele também tinha um despertador, que chacoalhava o balão sem parar à medida que ia me explicando os verbos e as palavras ESSENCIAIS. Assim que consegui formar frases, perguntei por que em Laputa — esse era o nome da ilha — algumas pessoas tinham despertadores.

O professor me explicou que suas mentes viviam constantemente concentradas, ocupadas com coisas mais importantes do que as bobagens do cotidiano.

— Que coisas? — perguntei.

Após um violento chacoalho do empregado, ele respondeu:

— Ocupamo-nos da matemática, da astronomia e da música. Estudamos os planetas, os fenômenos terrestres; calculamos catástrofes e escutamos a música sideral. Por isso, só conseguimos ouvir e falar com a ajuda dos nossos auxiliares, que nos despertam para o dia-a-dia.

Consegui conversar com alguns empregados e trabalhadores braçais, que não precisavam ser despertados. Um deles me disse:

— A vida aqui é muito chata. Todos se preocupam demais com teorias e HIPÓTESES; com o fato de que daqui a milênios o sol vai se apagar, ou que talvez haja uma possibilidade em trinta milhões de o planeta Ângulo colidir com o cometa Hipérbole. Ninguém tem fantasias, imaginação; ninguém se diverte.

QUESTÃO 1- Ao ler um texto, às vezes nos deparamos com palavras desconhecidas, porém geralmente o próprio contexto em que o termo está inserido pode nos levar à compreensão do seu significado. Com base nas informações dadas, explique o sentido da palavra assinalada no quadro.

Como resposta, recebi uma corrente que desceu com uma pequena cadeira acoplada. Subi nela e fui puxado até a tal ilha voadora.

Habilidade trabalhada: Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada: Esta questão prevê que o aluno alcance a compreensão da palavra “acoplada” com base no contexto em que ela se insere. Assim, espera-se que ele busque informações na passagem que o levarão a deduzir o sentido deste vocábulo. Primeiramente, com base na própria história, e, em seguida pela preposição “com”, que no texto o aluno será capaz de perceber a relação de soma/adição de CORRENTE+CADEIRA. É importante ressaltar para o aluno que, embora ele possa desconhecer o sentido de várias palavras no texto, não será necessário procurar o significado de todas elas no dicionário.

TRECHO REMOVIDO

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3 - Com o Novo Acordo Ortográfico que vem sendo implementado nos países de língua portuguesa, uma série de palavras do nosso cotidiano sofreu alterações na sua forma escrita. Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada representa uma dessas mudanças e, em seguida, explique-a.

- a) “Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis”
- b) “_ Vocês aí têm comida?”
- c) “Por isso, só conseguimos ouvir e falar com a ajuda dos nossos auxiliares, que nos despertam para o dia a dia.”
- d) “Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.”
- e) “A ilha tinha a base lisa e brilhante por causa do reflexo da água do mar.”

Habilidade trabalhada: Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta comentada: Para realizar esta questão, o aluno pode fazer uso de sua própria percepção e tentar notar qual das palavras destacadas está escrita de forma diferente da que se costumava escrever. Com esta perspectiva, ele provavelmente identificará a alternativa *c* como a correta, já que a palavra “dia a dia” possuía hífen e atualmente este sinal gráfico não é mais utilizado neste vocábulo. Para que o aluno compreenda a escolha da resposta, é interessante que haja uma revisão sobre assunto. As expressões dia a dia e dia-a-dia, antes do Novo Acordo Ortográfico, eram diferenciadas pelo uso do hífen para destacar funções diferentes, logo: quando tinha função de substantivo, ou seja, sentido de cotidiano (usava-se hífen); quando tinha função de advérbio, ou seja, sentido de diariamente (usava-se sem hífen). Exemplos: O **dia-a-dia** do profissional do mundo corporativo é muito estressante. (substantivo) Convivemos com muitos conflitos **dia a dia** na esfera corporativa. (advérbio)

Depois do Novo Acordo Ortográfico, temos a simplificação da utilização desta locução, conforme expressa a regra: As palavras compostas que possuem entre seus termos um elemento de ligação (representado por uma preposição, artigo ou pronome) já não mais requerem o emprego do hífen. Além da expressão em estudo (dia a dia), há ainda outras, como: pé de moleque, lua de mel, carne de sol, fim de semana, etc.

TEXTO GERADOR

O Texto Gerador II é outro fragmento de *Viagens de Gulliver*. Nesta passagem, retirada do capítulo X do romance, Gulliver conhece um pouco mais sobre a ilha em que estava, chamada Laputa.

Capítulo 10 - O FUNCIONAMENTO DE LAPUTA

Fiquei curioso para saber mais coisas sobre a ilha e comecei a fazer diversas perguntas ao meu professor, à medida que o tempo ia passando. No dia em que percebi que estávamos sobrevoando outras ilhas, perguntei a ele:

— Onde estamos?

— Estamos indo para Lagado, a metrópole do reino. Ela fica no continente, mas antes precisamos visitar alguns vilarejos. É preciso que o rei saiba como andam as coisas por esses lugares — respondeu.

— Nós vamos aterrissar em cada um deles? — perguntei.

— Não, jogamos cordas e as pessoas amarram bilhetes nelas com seus pedidos — explicou-me.

— E o rei nunca desce até as ilhas pessoalmente?

— Não, para isso ele tem ministros que o informam de qualquer problema.

— Que tipo de problema?

— Ora, guerras, rebeliões, SONEGAÇÃO de impostos, essas coisas.

— Então Laputa pode enviar um exército para resolver as rebeliões.

— Não precisamos de exército — explicou o professor. — Quando há alguma guerra, sobrevoamos a ilha rebelada até que o povo fique dias sem a luz do sol e sem a chuva. Isso causa doenças, falta de comida, e, então, os revoltosos se acalmam.

Fiquei espantado com tudo isso e calei-me. O despertador do meu mestre achou que eu tivesse me distraído e chacoalhou o balão ferozmente ao lado do meu ouvido. Sorri para ele e continuei:

— Professor, como funciona o mecanismo que faz Laputa voar?

— A base da ilha é feita de uma pedra duríssima, praticamente inquebrável e o interior dela é composto de ímã. Através da movimentação de um cilindro no centro da ilha, o ímã nos direciona para o lado que desejamos.

— Todos sabem desse mecanismo?

— Sim. Uma vez íamos destruir uma das ilhas, quando os nossos astrônomos sentiram um tipo estranho de atração magnética. Descobrimos que os rebeldes haviam construído quatro torres com ímãs nas pontas para atrair Laputa e assim nos deixar presos para sempre. Por sorte conseguimos evitar a tragédia.

— E por que a ilha ia ser destruída?

— Porque o povo de lá exigia coisas sem sentido do rei. Queriam, por exemplo, escolher seu próprio governador. Acabamos perdendo aquela ilha, que agora está EMANCIPADA, mas, desde aquela época, fazemos rondas mais constantes sobre os vilarejos. Não podemos correr o risco de que outras torres sejam construídas.

Quando chegamos em Lagado, fiquei impressionado com a miséria do povo. As pessoas eram magras, andavam com roupas esfarrapadas e não tinham o que comer. Novamente, indaguei meu professor:

— Por que a pobreza é tão grande em Lagado?

— Essa é uma longa história — começou. — A metrópole já foi muito próspera. Tínhamos campos verdinhos, plantações e boas condições de vida.

— O que houve, então?

— Uma vez, umas pessoas daqui resolveram conhecer Laputa. Quando retornaram, trouxeram idéias ERRÔNEAS sobre a nossa matemática e fundaram a Academia de Projetos. Agora, passam o tempo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, moradia, linguagem etc. Como nenhum plano foi aprovado até agora, o povo vive em miséria.

Fomos até a Academia, pois eu queria ver do que tratavam os projetos.

Não acreditei no que vi. As pessoas estavam há anos pesquisando uma maneira de arar a terra sem gado, mão-de-obra ou arado. Experimentalmente, enterravam comida e em seguida soltavam cerca de seiscentos porcos no local. Como eles ESCARAFUNCHAVAM a terra atrás do alimento, o solo ficava pronto para ser semeado. O projeto acabava sendo mais caro, mas os pesquisadores não desistiam dos estudos.

Na área da arquitetura, havia um profissional que queria construir casas como os insetos, começando pelo teto. Um lingüista desejava abolir os verbos, pois, segundo ele, as coisas reais eram substantivos. Outro mais ousado queria abolir a própria língua. Quando INDAGUEI-O do porquê dessa idéia, ele me explicou:

— Cada palavra que dizemos CORRÕI os nossos pulmões. Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.

Aquelas loucuras acadêmicas todas me deixaram um pouco angustiado. Como um povo inteiro poderia passar fome e frio em função de pesquisas inúteis que já duravam anos? Por que não usar os métodos antigos de aragem, construção, comunicação, que tinham a sua eficiência já comprovada? Como as pessoas de Lagado e Laputa não se importavam muito com a minha presença, pois estavam sempre com as mentes muito ocupadas, resolvi pensar no meu retorno à Inglaterra.

LEITURA

TRECHO REMOVIDO

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5 - Como você sabe, o narrador de um texto pode ser uma das personagens da história, quando participa dela. A esse tipo de narrador chamamos de *narrador-personagem* e dizemos que o foco narrativo está na *1ª pessoa*. Sabemos que o narrador deste romance é a personagem Gulliver, o que aproxima o leitor dos fatos narrados. Volte ao texto e leia o capítulo 10. “O funcionamento de Laputa”. Nele, o que predomina: discurso direto ou indireto? Copie um trecho que exemplifique sua resposta.

Habilidade trabalhada: Identificar e diferenciar os discursos direto e indireto.

Resposta comentada: Esta questão retoma, com mais profundidade, o descritor “Identificar os usos do discurso direto e indireto”, trabalhado no 3º bimestre. Neste bimestre, espera-se que o aluno diferencie esses discursos e utilize-os corretamente. Assim, nesta questão, espera-se que o aluno, diferenciando os dois tipos de discurso como predominância o discurso direto e, identifique no texto um exemplo como “- Onde estamos?” ou “-Que tipo de problema?” ou ainda “-Nós vão aterrissar em algum deles?” já que o narrador cede a palavra à personagem Pedro Bala. Isso permite que os traços da fala e da personalidade da personagem sejam destacados e expostos no texto. Estruturalmente, o aluno deve perceber o uso do travessão e dos dois pontos como características desse tipo de discurso.

TRECHO REMOVIDO

PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7 – A proposta é que você escreva um episódio de um romance de aventuras, também passado em um lugar fictício e narrado em 1ª pessoa pelo(a) protagonista. A história será publicada na revista que montaremos no final do bimestre. Primeiramente você vai planejar os elementos e a estrutura da narrativa; e depois redigirá o texto.

Planejando o texto: 1 – Reúna-se com um colega e planeje com ele os pontos a seguir.

- **Narrador** – O protagonista narrará a história, assim como Gulliver. Definam quem é e como é essa personagem: sua história de vida, suas razões para envolver-se em aventuras, características físicas e psicológicas etc.
- **Tempo e Espaço** – Onde e quando se passa a história? Quanto tempo ela dura? Como é o espaço?
- **Personagens** – Quem são as personagens que vão interagir com o protagonista?
- **Enredo** – Planejem a situação inicial, a complicação, o clímax e o desfecho.

No caderno, anatem todos os pontos definidos, inclusive o título da narrativa. Comecem a desenvolver a história. Elaborem um ou dois parágrafos para cada parte do enredo, estendendo-se um pouco mais nas ações das personagens. Não esqueçam de criar uma história **verossímil**, isto é, narrar acontecimentos que não precisam ser verdadeiros (trata-se de uma história de ficção), mas que provoquem uma impressão de realidade: o leitor deve acompanhar o enredo sem achar-lo incoerente, ilógico. Ele aceitará a história se ela lhe **parecer** verdadeira. Mãos à obra!

Habilidade trabalhada: Produzir um texto mais longo, ordenando os elementos da narrativa.

Resposta comentada: Para esta questão, é muito importante que o aluno se acostume a planejar seus textos antes de começar a redigi-los. Com um plano bem elaborado, eles não se perdem ao desenvolver o enredo, não se esquecem de partes da história e conseguem manter a coerência.

Como aquecimento, é interessante que seja feita uma breve revisão sobre os elementos da narrativa, já que o conteúdo tem sido estudado desde o bimestre anterior. Lembrar que o enredo – trama de uma história, conjunto de acontecimentos e de ações realizadas por personagens em um texto narrativo de ficção - em uma narrativa, é composto de cinco partes.

Situação inicial - É a apresentação da situação.

Complicação (conflito) – Quando surge um conflito: algo modifica a situação inicial, muda o rumo da vida da personagem e desencadeia uma série de ações.

Desenvolvimento – Sequência de ações das personagens

Clímax – Ponto de tensão máxima

Desfecho – É onde a complicação é solucionada Vale lembrar que, no episódio de Viagens de Gulliver que os alunos leram, o protagonista encontra personagens e situações bizarras, mas não enfrenta grandes perigos. Na narrativa que irão produzir, eles podem explorar mais esse aspecto – os perigos – e fazer o personagem viver peripécias e passar por riscos que ela só superará usando seus atributos: inteligência, destreza, força etc. **TRECHO REMOVIDO**